

A morte aparente e o ensino das escrituras

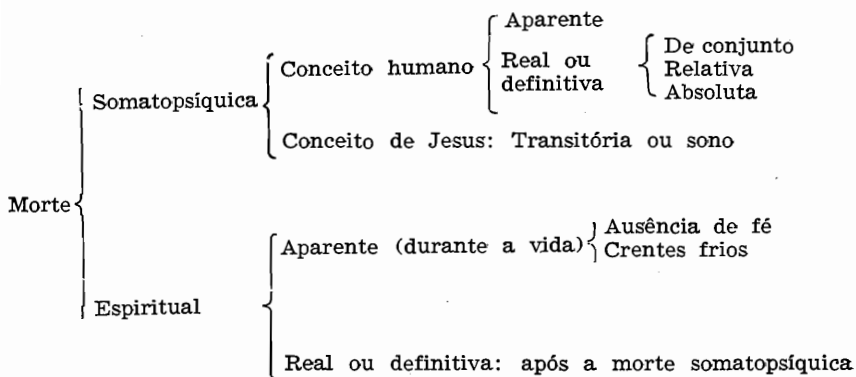
FLAMÍNIO FÁVERO

1 — *Que é a morte?* Parece fácil defini-la: é a cessação da vida. Entretanto, essa facilidade desaparece quando nos aprofundamos no seu estudo e vamos considerando a morte em vários sentidos e diversos graus que cada um nos oferece. Então, vemos a dificuldade insuperável para fixarmos uma definição de fato e certa. Para Littré, no seu clássico “Dictionnaire de Médecine”, a morte é a “cessação definitiva de todos os atos cujo

conjunto constitui a vida dos seres organizados”.

O meu tema se orienta pelo ensino das Escrituras. Então, morte há que é vida e vida, que é morte. Depende tudo do conceito adotado e das múltiplas implicações que daí decorrem.

2 — *Classificação.* Para bem situar a exposição, quero, inicialmente, limitar a matéria, oferecendo uma classificação que, também, me será de roteiro.



3 — *A pessoa humana viva.* Fiel aos ensinamentos de Paulo, sigo a teoria tricotômica para explicar a composição da pessoa humana: corpo, alma e espírito. Está na 1.ª epístola aos Tessalonicenses, 5:23: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados, irrepreensíveis

para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. E a epístola aos Hebreus robustece a teoria paulina: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito...” (4:12).

O corpo é a parte física da pessoa, material, no exercício de suas

várias funções vegetativas, chamado assim de soma, ou seja, a parte somática.

A alma corresponde ao psiquismo. Não falamos até em linguagem científica, em faculdades da alma? A percepção, a inteligência, a emoção, a vontade, aí estão faculdades psíquicas. São distintas da parte somática. Hoje, damos ênfase na medicina psicossomática, ao estudo da alma assim considerada e do corpo com suas funções.

E o espírito? É a parte da pessoa que nos põe em contacto com Deus. Distinta do soma e da mente ou alma. Quando Jesus morreu na cruz, sua derradeira palavra, a sétima, foi: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito".

4 — *A morte aparente somatopsíquica no seu conceito humano.* Chama-se morte aparente, na lição da Medicina Legal, o estado dos componentes somático e psíquico da pessoa, em que, malgrado a presença da vida de conjunto, esta se confunde com o estado da morte real, tão reduzida se mantém. Em muitos estados mórbidos e em acidentes por tóxicos, asfixias, choques alérgicos e anestésicos, ação da electricidade, etc., o paciente pode sofrer tais transtornos em sua expressão de vida que parece prêsa da morte. Só o tratamento, que o retorne à vida, exclui a certeza da morte. Por isso, com razão, Lourenço Borri, no seu tratado de Medicina Legal, denomina alguns desses transtornos de fenômenos abióticos ou avitais ou vitais negativos imediatos. Podem ser lembrados: a perda da consciência, a imobilidade, a insensibilidade, a abolição do tono muscular, a pa-

rada da circulação e da respiração, ao menos diante das possibilidades de nossa verificação. São comuns êsses fenômenos à morte real e aos estados mórbidos em que a vida ainda se mantém, em forma residual.

Esse estado de morte aparente pode ser rápido ou prolongado. Lembre-se o que acontece com as vítimas de afogamento. Retiradas da água e tratadas convenientemente pela respiração artificial por tempo às vêzes longo, a consciência, a sensibilidade, a respiração, a circulação voltam. A vítima estava ainda viva, com sua vida de conjunto, entretanto, prestes a extinguir-se, e não morta. A morte era aparente. Hoje, há recursos inúmeros para reanimar essas vítimas e outras. Tais recursos são chamados imprópriamente de meios de ressuscitação. Se não houve morte real de conjunto, não tem sentido a denominação. Pretenciosa é ela, convenhamos. A Ciência, muitas vêzes, no seu entusiasmo, apresenta exageros dêsses. O homem não tem poder para ressuscitar mortos, por mais adiantada que sua Medicina esteja. Instalada a morte real de conjunto, ela será definitiva. Só Deus ressuscita mortos.

Tem a Medicina Legal técnicas várias para estabelecer o diagnóstico diferencial entre a morte real e a aparente, oferecendo, assim, a certeza de que a volta à vida não será mais possível.

5 — *As mortes registradas na Bíblia, das quais os pacientes ressuscitaram, teriam sido mortes aparentes?* A Bíblia, no A.T. e no N.T., se refere a várias ressurreições de mortos. Lembrarei

algumas dessas mortes. a) Na ressurreição do filho da viúva de Sarepta (I Reis 17:8-24), se diz que "a alma do menino tornou a entrar nêle". Deus atendeu à oração de Elias. b) No 2.º livro de Reis (4:32-37), está a ressurreição do filho da sunamita por Eliseu. Ele realizou o milagre, por certo, como instrumento de Deus, não por seu poder. O filho da sunamita estava morto havia várias horas, não existindo nêle, na palavra de Geazi, servo de Eliseu, "voz nem sentido" (v. 31). Quando chegou o profeta, êste viu que "o menino jazia morto sôbre a sua cama" (v. 32). c) Um morto, pôsto em contato com os ossos de Eliseu, ressuscitou (2º Reis, 13:20-21). Estava morto de fato, pois ia ser enterrado, mas o lançaram na sepultura do profeta, com mêdo de um bando. d) A filha de Jairo (Mat. 9:18-26, etc.), embora tivesse morrido pouco antes, estava em verdade morta. Falando Jesus que ela dormia, riram-se d'Ele. e) Também morto incontestavelmente estava o filho da viúva de Naim, que ia sendo levado para ser sepultado. Sua ressurreição causou a todos temor (Luc. 7:11-17). f) A ressurreição de Lázaro, já em putrefação, dispensa comentários (João 11:44). g) A ressurreição de Jesus seria a volta de um estado de morte aparente? E a lançada que lhe transfixou o lado, não clama contra isso, se não bastasse o testemunho dos presentes? h) Tabita (Dorcas) adoeceu e morreu. Todos o testemunharam em Jope (Atos, 9:36-42). Pedro a ressuscitou, fato notório por tôda a cidade, levando muitos a crer no Senhor. i) Euti-

co, assentado numa janela do 3.º andar, enquanto Paulo falava, dormiu e de lá caiu, morrendo (Atos 20:9-12), mas o apóstolo o ressuscitou. Seria morte aparente numa queda de tão alto?

O estudo desapaixonado dêsses casos, com a verificação das provas testemunhal e circunstancial que os textos citados oferecem, não permite qualquer dúvida. Podemos afirmar que a morte foi real e não aparente.

6 — *A morte somatopsíquica real, chamada de conjunto*. É o que se denomina comumente de morte. Instalada ela, de súbito ou após agonia mais ou menos longa, a vida se extinguiu. Após os fenômenos abióticos imediatos, já assinalados, vão aparecendo os consecutivos, da classificação de Lourenço Borri: evaporação tegumentar, resfriamento do corpo, hipóstases, rigidez cadavérica. Por fim, surgem os fenômenos transformativos, sendo conhecida, até por leigos, a putrefação. E o corpo se reduz a esqueleto e, muito mais tarde, a pó. Cumpre-se a palavra de Deus: "Ês pó e em pó te tornarás" (Gen 3:19).

Por que se chama, essa morte, de conjunto? Porque expressa a cessação das funções somatopsíquicas do indivíduo, quer dizer, as do componente psíquico e as do componente somático. Tôdas as funções vitais pararam definitivamente, primeiro as de ordem psíquica, depois as vegetativas. Extingue-se a pessoa humana. Para nós, os crentes, traduz a saída do espírito, a parte que mantinha a vida do ser. Cessada a energia vital que movimentava o complicado maquinismo

da nossa personalidade somatopsíquica, esta deixa de ter existência no conjunto de suas funções. É a cessação da vida.

7 — *A morte somatopsíquica real, chamada relativa.* Esta nos mostra que, embora tendo havido a morte de conjunto, pela saída do espírito, com a extinção das faculdades da alma é, ainda, com a cessação das funções pertinentes à parte material do corpo, neste, a vida subsiste em seus tecidos, em suas células componentes. Portanto, a morte real e definitiva foi relativa. Paradoxalmente, há vida, no corpo do indivíduo que morreu. Por isso, diz com sabedoria Thoinot, em seu livro de Medicina Legal: “a morte não é um momento, mas um verdadeiro processo”. É a prova disso está em que os tecidos dos cadáveres podem ser aproveitados em benefício dos vivos. Aí estão as transfusões com sangue obtido após a morte de conjunto que, nesse aspecto, foi uma morte relativa. Aí, os enxertos com material retirado dos cadáveres, como os de córnea, etc. Tais intervenções só podem ser feitas com tecidos vivos, embora provenientes de cadáveres. Houve, pois, insisto, morte relativa na morte de conjunto do indivíduo que se extinguiu.

8 — *A morte somatopsíquica real se tornará em absoluta.* É o que ocorre quando, com a extinção da vida de conjunto e no evoluer do tempo, os tecidos vão morrendo aos poucos e sucessivamente. E a putrefação o atesta bem. A conservação do corpo em geladeira protela o aparecimento dos fenômenos putrefativos e, pois, alonga a

vida relativa dos tecidos. Protela, pois, a instalação da morte real ou definitiva denominada absoluta.

9 — *Conceituação especial.* Ricardo Royo-Villanova y Morales, de Madri, tem um conceito muito interessante para denominar os corpos das pessoas falecidas, conforme o tempo que medeia da hora da morte. Como êsse conceito oferece subsídios para reforçar o que acima ficou dito e, ainda, para estudar o problema da morte real no entendimento humano e o da morte aparente no de Jesus, adoto sem restrições a nomenclatura do tradadista espanhol. Três são as denominações que êle usa para os corpos de quem faleceu: defuntos, cadáveres e mortos. Em geral, são tidas como sinônimas as expressões. Melhor é fazer distinção entre elas.

Defuntos são os que acabam de morrer. Tomou-os a morte de conjunto. Morte relativa, sim, mas morte real e definitiva. Pode haver dúvida, por vêzes, se a morte é real, tão pouco expressivos ainda são os sinais. À vêzes, há certa titubeação em saber se a morte é real ou aparente, máxime em casos de morte súbita, até então sem qualquer vestígio de algum mal que a isso levasse.

Cadáveres são os corpos das pessoas que morreram horas antes. Se os defuntos têm os chamados fenômenos abióticos ou avitais ou vitais negativos imediatos, os cadáveres apresentam os consecutivos. Não pode mais haver dúvida quanto à realidade do óbito. A morte de conjunto é certa, incontestável. Mas, morte relativa, pois tecidos existem ainda com vida e

podem ser aproveitados pela Medicina.

E os mortos? Êstes, na classificação do mestre madrileno, são os corpos dos indivíduos nos quais não há mais o menor resquício de vida. Morte real absoluta. E já os fenômenos putrefativos se manifestaram e avançam inexoráveis.

Nas Escrituras, temos os três exemplos ao tratarem os evangelhos de três ressurreições realizadas por Jesus. O primeiro exemplo é o de um defunto. A filha de Jairo acabara de falecer, como o atestam os evangelhos de Mateus (9:18 a 26), Marcos 5:21 a 43) e Lucas 8:40 a 56). O corpo estava quente. A aparência era de vida. Só existiam fenômenos avitais imediatos, comuns à morte aparente e à morte real. O segundo exemplo é o de um cadáver. O filho da viúva de Naim (Lucas 7:11 a 17) ia já caminho da sepultura. Tinha, por certo, para atestar o óbito, os fenômenos abióticos consecutivos. A morte era incontestável. Podia existir vida em alguns tecidos, pois é variável a resistência dêles. Morte relativa, portanto. O terceiro exemplo é o de um morto, da classificação em aprêço. Lázaro, que havia morrido quatro dias antes, estava no túmulo em putrefação. Cheirava mal, disse a Jesus sua irmã Marta, quase se opondo a que a pedra da boca do sepulcro fôsse removida (Conf. João, 11:1 a 44).

10 — *A morte física, no conceito de Jesus é sempre aparente.* Essa morte é um sono, para Jesus. É transitória. Seja a morte da filha de Jairo à qual se referiu Jesus dizendo que ela dormia (Mateus 9:24), seja a do filho da viúva de

Naim a quem ordenou Jesus que se levantasse (Luc., 7:14), seja Lázaro, de quem disse aos discípulos: “dorme, mas vou despertá-lo do sono” (João, 11:11).

Para Jesus, é a morte sempre um sono. É, pois, morte aparente. Com os recursos da sua onipotência divina, todos os mortos despertam, ainda que a morte date de milhares de anos e que dos corpos não reste senão só pó, ou mesmo nada disso. Para Jesus, essa não é a morte real, definitiva.

Lembre-se, em abono do poder divino de que Jesus participa, como Deus, a visão dos ossos secos do profeta Ezequiel (37:1 a 10). Tais ossos secos do exército de Israel, em estado de morte aparente para Deus, traduzindo profundo sono, tomaram corpo e despertaram e viveram.

Como é confortadora a certeza de que nossa morte, para Jesus, não é morte. Trata-se de simples sono. E, assim, a nossa ânsia de vida sem fim se efetiva. O corpo despertará, transformado, glorificado, pela sua ressurreição, a primeira ressurreição, por certo (Apoc. 20:6), integrando-se a nossa nova personalidade.

A nossa morte, pois, é aparência de morte. Não é realidade. É um sono mais ou menos longo para o corpo, que aguarda a volta do espírito, êste sempre vigil desde o momento em que se separar do corpo. O espírito nunca morre, na vida desta vida, na morte somatopsíquica e por tôda a eternidade.

11 — *A morte espiritual aparente.* Esta morte é a que vemos enquanto a pessoa está viva fisicamente, embora não creia em Jesus,

que é o doador da vida, ou, crendo, tenha se afastado da fé e viva em pecado, qual ovelha desgarrada. Aparente, digo eu, porque a graça divina pode tocar o coração que, pela sua incredulidade e rejeição da salvação, se mostra endurecido e obstinado. Não se diga que é contraditória a minha conceituação de morte espiritual aparente, à luz de textos como estes: “Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)” (Efésios, 2:5); “E não quereis vir a mim para terdes vida” (João, 5:40).

Assim como no aspecto somatopsíquico, o estado de morte aparente se transforma em real e definitivo pelo abandono do paciente, também no aspecto espiritual êsse estado de morte aparente de quem volta as costas ao Salvador e rejeita a graça do Espírito Santo se transforma em real e definitivo, se a rejeição prosseguir até à morte física.

Que é assim, temos a história de Pedro e Paulo, que estavam em estado de morte espiritual aparente até que se converteram. E o bom ladrão da cruz? A graça divina foi o remédio heróico para dar-lhes a vida espiritual, que a vida física ainda possibilitava. Uma das con-

dições para que alguém se salve é que tenha vida física para o arrependimento e a fé. E se há possibilidade, não será isso morte espiritual aparente? Real, ainda não será. Definitiva, também não. Enquanto houver vida física e consciente, o ensejo da conversão e da aceitação de Jesus é incontestável. Há, pois, esperança. E esperança é morte aparente apenas.

12 — *A morte espiritual real ou definitiva.* Esta é a de quem, morto aparentemente durante a vida física, passa para o reino da morte nêsse estado. A separação de Jesus se torna efetiva, sem remédio, quando ocorre a morte somatopsíquica, morte esta real e definitiva, então. O destino selou-se de vez. Para as Escrituras, só há céu e inferno. O purgatório que poderia oferecer a oportunidade para alguém ir para o céu depois de uma permanência no reformatório de além-túmulo, é irreal, pura ficção. Jesus foi claro e positivo, quanto à existência de apenas dois destinos após a morte, na parábola do rico e Lázaro (Lucas, 16:19-31).

Destarte, vemos a correlação entre a morte aparente somatopsíquica e a morte aparente espiritual, bem como entre a morte real somatopsíquica e a morte real espiritual. Isto, à luz das Escrituras.